

O ENSINO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DOS JOVENS ESTUDANTES

VICTÓRIA FERREIRA CUNHA*

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior (orientador)

Resumo

Este trabalho é resultado de reflexões realizadas a partir da disciplina Estágio Curricular Supervisionado I, oferecida pelo curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU). A proposta da disciplina consistiu em problematizar a relação teoria e prática, bem como aproximar o diálogo entre Universidade e Escola. O cenário da investigação foi a Escola Estadual Rotary, localizada no Bairro Ipiranga da cidade de Ituiutaba, MG, Brasil. Os estudantes da escola são moradores de bairros periféricos e alguns das localidades rurais próximas da cidade. A metodologia das pesquisas consistiu na observação do espaço escolar, particularmente das aulas de História nos anos finais do ensino fundamental. Recorreu-se análise de documentos tais como o Projeto Político Pedagógico da Escola, documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Conteúdo Básico Comum (CBC). Com o intuito de conhecer as representações dos estudantes sobre a escola, especificamente sobre o ensino de História, foi realizado a metodologia do Grupo Focal. Esta metodologia consiste em reunir um grupo de jovens estudantes para ouvir o que dizem sobre a escola e o ensino de História, o papel do pesquisador limita-se a mediar a discussão. Ao longo da realização do Estágio, entendido e trabalhado como pesquisa, foi possível evidenciar algumas questões: o rodízio de professores de História na escola, o que pode levar ao desinteresse dos jovens estudantes pela disciplina. Os professores observados não recorrem habitualmente à diferentes fontes e linguagens, o livro didático não é suficiente para todos os estudantes, as aulas são marcadas pela exposição e registro no quadro para ser copiado no caderno. Tais questões não possibilitam aos jovens estudantes a fazer relação entre a história estudada e a vida prática.

Introdução

Este texto apresenta resultados de reflexões realizadas a partir da disciplina Estágio Curricular Supervisionado I, oferecida pelo curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU).

A disciplina estabelece diálogos com autores que discorrem sobre epistemologias do Sul, e também sobre a importância do caráter multicultural, na perspectiva crítica, que seria importante fazer-se presente nas escolas. A disciplina fomenta reflexões acerca do espaço escolar, assim, possibilita ao futuro professor compreender quais representações sociais esses

* Estudante do curso de História da Facip/UFU e bolsista do PET/HISTÓRIA.

espaços têm para os estudantes. O Estágio Supervisionado II, conta com o total de 90 horas em sua carga horária, sendo 30 horas teóricas e 60 horas práticas.

A ementa da disciplina permite a compreensão de algumas pautas da mesma: “O ensino de História: a relação pedagógica professor-aluno. Aplicação de metodologias de ensino diversificadas e criativas. Prática de estágio curricular supervisionado: docência. A Prática Pedagógica e o planejamento do ensino articulado às propostas de ensino público no Ensino Fundamental” (CURSO DE HISTÓRIA FACIP/UFU).

No primeiro semestre de 2016, além das aulas teóricas, a disciplina priorizou a observação do espaço escolar e das aulas de História em escolas públicas da cidade e região. Para Vianna (2007), a observação é uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. Para o autor, sem acurada observação não há ciência. Dessa forma, procuramos registrar as anotações realizadas nas visitas às escolas e, em particular, das aulas de história, de forma detalhada, com o intuito de reunir os dados brutos das observações.

O Estágio visa estabelecer ao aluno, uma experiência inicial no papel de docente, permitindo que esse, em concordância com o professor responsável pelo estágio na escola, coloque em prática o que foi aprendido até então no âmbito de metodologias de ensino – tanto na relação do estagiário com o aluno, quanto nas diferentes fontes e linguagens que ele pode recorrer para ensinar História.

As leituras e teorias vistas em sala, auxiliaram na visão obtida do objeto estudado – lembrando que se utilizar da teoria é importante quando se atribui a ela o papel de contribuir, e não enquanto objetivo a ser alcançado, pois cada realidade reúne suas próprias especificidades. Em diálogo com autores Grosfoguel e McLaren, pensar a escola enquanto um espaço múltiplo, diverso e cultural, contribui para pensar no quanto a prática docente e o espaço escolar é rico de saberes.

Nos limites deste artigo procuramos compreender os olhares dos estudantes sobre o espaço escolar, e em específico o ensino de História. O que dizem sobre a escola e o ensino de História? Para responder tais questões, a metodologia do Grupo Focal foi realizada. Organizamos o texto em três partes. Na primeira, registramos a perspectiva teórico-metodológica. Na segunda, apresentamos o cenário e os sujeitos da investigação. Na terceira,

analisamos as vozes dos estudantes, sujeitos da pesquisa. Por fim, tecemos algumas considerações.

1. As trilhas da investigação: a perspectiva teórico-metodológica

Como proposta para o Estágio II, o professor orientador responsável pela disciplina, propôs a realização de um grupo focal com os alunos para compreender melhor a relação destes com a escola, diagnosticar a importância desta na vida deles, e buscar o significado da disciplina História para os estudantes. Nesse intuito, o mesmo foi realizado logo no início do segundo semestre.

A autora Bernardete Gatti, com a qual dialogamos na proposta desta metodologia, pontua que “Em geral, podemos caracterizar essa técnica como derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social ” (GATTI, 2005, p.7). É colocado em sua obra, que o critério para a seleção dos sujeitos, são as características em comum que os qualificam para discutir a questão central colocada, para o desenvolvimento do trabalho e obtenção dos resultados.

Deve haver intimidade, vivência e relação com o tema a ser discutido, no nosso caso, os sujeitos tem em comum o que buscamos apreender: a vivência no espaço escolar e a disciplina história.

A seleção dos sujeitos nesse trabalho teve como critério a diversidade – no que tange as séries que cursam no ensino fundamental, como também às diferentes personalidades, culturas, modo de se expressar em aula e classe social.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

A metodologia foi desenvolvida em uma sala de aula cedida pela direção da Escola Estadual Rotary, onde ali projetamos as imagens e as questões direcionadas aos alunos. O momento foi registrado a partir de gravadores de áudio, máquina semiprofissional (vídeo e fotos). Os alunos fizeram uma meia lua, enquanto mediamos o diálogo próximos à meia lua na esquerda da sala. No tópico 3 deste artigo apresentamos com mais detalhe o processo do grupo focal.

2. O cenário e os sujeitos

O Estágio é realizado na Escola Estadual Rotary, esta, se localiza no Bairro Ipiranga na Praça Hilarião Rodrigues Chaves, no bairro Ipiranga. O regulamento da cidade com relação às escolas é priorizar as matrículas a partir do zoneamento, mas segundo a vice-diretora e o Projeto Político Pedagógico da escola, esta, atende alunos de diferentes partes da cidade. No diálogo com alguns, foi possível concluir que muitos vêm dos bairros populares do governo.

A escola conta enquanto espaço físico, de um prédio de dois andares, contendo dois pavilhões – no primeiro pavilhão (da direita) encontra-se as secretarias, salas de professores, diretoria (no andar de baixo), e no andar de cima salas de aula com a biblioteca ao fim do corredor. No pavilhão da esquerda encontra-se as salas de aula e na parte de baixo o pátio.

Há uma quadra construída recentemente, coberta, com arquibancada e vestiário. A biblioteca é videoteca também, há livros e computadores no mesmo espaço, são poucos os livros – uma maioria infantis e infanto-juvenis –, e há 14 computadores na sala.

Iniciamos o Estágio Supervisionado I, acompanhando o Professor Pedro Afonso na Escola Estadual Rotary, no qual este mantinha vínculo por contrato. Contudo, com a convocação da Professora concursada Sirley Mônica Barbosa Camilo, passamos a acompanhá-la ao longo do primeiro semestre, dando continuidade do Estágio Supervisionado II com a mesma. A professora se formou em história na cidade de Quirinópolis em 1998,

começando sua atuação enquanto professora no ano de 2010, estendendo até 2011. Esta, retornou às atividades enquanto professora em 2016.

Em diálogo com a coordenação da escola outros e professores além Pedro Afonso e Sirley, pudemos compreender melhor o comportamento de alguns alunos. A escola atende diferentes públicos, de diferentes regiões da cidade, sobretudo de características mais humildes. Diversas questões sociais perpassam a vida desses jovens – venda de drogas na escola, matança de horário na praça ao lado, pais dependentes químicos, filhos de mães solteiras, crianças rejeitadas por pais e mães, estupros e prostituição infantil.

Os sujeitos convidados para participar do grupo focal, como dito anteriormente, cursam o Ensino Fundamental II, e tem de 11 a 15 anos. Somam 7 no total de participantes, usamos pseudônimos para identificar os colaboradores: Pedro (6º ano), José (7º ano), João Vitor (6º anos), Ingrid (9º anos), Anamara (9º ano), Pedro (8º ano) e Joyce (7º ano).

3. A escola e a História: o que dizem os estudantes

Segundo Dayrell (2007), educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates:

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas (p. 1107).

Acreditamos que a escola não é um mundo à parte da sociedade e que, por estar inserida em determinado contexto cultural e social, deve, necessariamente, atender à demanda desse mundo quanto aos saberes a serem trabalhados. É papel da escola possibilitar às crianças e jovens ampliarem seus conhecimentos. A escola é um espaço privilegiado para a construção da cidadania, de diálogo entre diferentes culturas. Procuramos ouvir os estudantes sobre como avaliam a importância da escola.

Em um primeiro momento foi explicado aos estudantes convidados, a proposta do grupo focal e a apresentação do nosso objetivo. As questões direcionadas aos alunos, foram

divididas em duas sessões: Escola e ensino de História. Mas para iniciar a atividade, inicialmente, fizemos a seguinte pergunta “Quem é você? ”, a partir disso, de modo muito tímido, cada um se apresentou citando nome, idade e alguns, contaram algo que gostam.

Logo no primeiro momento, foi possível observar a heterogeneidade do grupo – tínhamos ali alunos indisciplinados, tímidos, brancos, pardos, negros, morador do meio rural, estudante recém-chegado de cidade grande e alunos dedicados. Nesse sentido, consideramos fundamental que a história, em situação escolar, possibilite questionar as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre multiplicidade de experiências socioculturais, étnico-raciais, de gênero, condição sexual, entre outros. A este respeito, Candau (2014) reitera que o desafio é não reduzir a igualdade à padronização, nem a diferença a um problema a resolver. Isso significa transformar a diversidade em uma vantagem pedagógica.

Na continuação do grupo focal, apresentamos uma imagem da escola Rotary e pedimos que expressassem sua opinião no local. Ao longo desse primeiro bloco, observamos um descontentamento com o espaço escolar, é curioso, não se sentiram à vontade para falar. Esse momento revelou sinais de que não é comum, a participação ativa dos estudantes na escola.

Ao questionarmos sobre o significado da escola na vida dos estudantes, percebemos uma ambiguidade nos sentimentos dos jovens para com a escola, o processo da relação ali vivida, expressa uma complexidade maior, pois podemos perceber que em alguns momentos revelavam descontentamento com a escola e em outros registravam que a escola era fundamental para a vida profissional, para alguns ela significa o único caminho para o sucesso profissional.

São também interessantes as falas que pontuam sobre as amizades construídas no ambiente escolar. A estudante II afirma: “É bom vir para a escola, porque aqui a gente vê os amigos todos os dias” (JOYCE). Dayrell (2007) discorre sobre o espaço escolar enquanto ambiente de sociabilidade, e fica perceptível na fala dos estudantes durante essa questão, que eles gostam da escola, e o motivo é justificado na convivência com os colegas.

Ainda na temática escola, surge o questionamento sobre a expectativa após concluir os estudos, e todos, sem exceção contam que pretendem concluir os estudos, uma parte do grupo conta também com o ingresso na universidade.

A interação que o Grupo Focal proporciona é interessante, pois no momento em que dialogávamos sobre futuras profissões, um aluno conta que gostaria de ser piloto de aeronave. O mesmo havia dito anteriormente que não gostava de estudar, com isso, um amigo interfere e diz o seguinte: “Como você vai ser isso, se não gosta de estudar?” (JOÃO VICTOR)

Podemos perceber nesse momento que há uma compreensão de que o estudo é a via para a realização profissional, pois como João Victor pontua, é nos saberes e conhecimentos que existe a possibilidade de seguir determinada carreira.

Seguindo com a dinâmica, a imagem de um aluno com uma mochila nas costas foi apresentada aos alunos, onde perguntamos o que a imagem significava para eles. O aluno Pedro do 6º ano disse o seguinte “Ele está voltando da escola”, um mediador pergunta “o fato dele estar feliz, significa que esse estudante está indo ou voltando da escola?”, Pedro responde novamente “Voltando... Com certeza que é voltando”.

Afinal, o espaço escolar tem sido também espaço de lazer? É fundamental que a escola desempenhe o âmbito de aprendizagem, mas é necessário que o mesmo gere satisfação e felicidade, para que a experiência e as atividades ali desenvolvidas, sejam proveitosas, não permanecendo aquela sensação monótona e muitas vezes desgastante do dia-a-dia escolar.

No segundo momento, foram desenvolvidas questões acerca da temática história, iniciamos ao indagar sobre o significado da mesma para cada um, e sua contribuição. Ela é tida pelos alunos enquanto uma ciência que estuda o passado, e sua contribuição vai no mesmo sentido – a compreensão dos tempos antigos, pois não existimos ali. Essas representações sobre a História revelam que um dos desafios do professor ao ensinar história é levar os estudantes a perceberem que a história não recupera o passado, mas constrói o passado, a partir de preocupações do presente, com reflexos nos projetos futuros, dessa forma, compreenderem que o objeto da história é o tempo, não apenas o passado (SEFFNER, 2000, p. 249).

Para fomentar a discussão sobre a história apresentamos a imagem da obra de Pedro Américo “O grito do Ipiranga”. Os integrantes do grupo identificaram o quadro como aquele

que representa o momento de independência do país. Como trabalhado pela autora Bernadete Gatti, o Grupo Focal permite a integração e discussão de seus participantes durante a dinâmica, e nesse momento, um debate sobre a confecção da obra se fez presente. Ingrid colocou o seguinte: “Como o cara pintou a tela, se ele não estava lá? ”, João Vitor coloca que “Ele imaginou e a partir disso pintou a obra”... Ingrid coloca novamente: “Mas se ele não estava lá, como ele sabia? ”, e João Vitor continua o diálogo: “Mas você acha mesmo que essa pintura é verdadeira? ”, e Ingrid “Mas tem que ser! Se está ali é porque é verdadeira”, João Vitor conclui falando o seguinte “ Você acha que estava todo mundo daquele jeito ali? Você acha que o cara estava lá quando aconteceu? Então!”.

As vozes dos estudantes revelam que são sujeitos de saberes, e não apenas estudantes “cativos”. O professor não pode se limitar a ser aquele que apresenta um monólogo para alunos ordeiros e passivos que, por sua vez, “decoram” o conteúdo. Ele tem o privilégio de mediar as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento. Nesse caso, é possível perceber que esse aluno conseguiu de modo crítico analisar a obra. É essencial que o documento, no caso o quadro, não seja tomado pelo aluno enquanto fonte neutra de informação, com sucesso, a visão da independência do Brasil estabelecida pela obra, foi desconstruída na dinâmica.

Seguindo as questões, perguntamos se a história contribui para a compreensão do presente. Uma maioria respondeu que não. João Vitor disse que a história nos faz pensar na evolução, que somos resultado disso. Foi interessante a fala do mesmo, mas é necessário enquanto metodologia do professor, constituir durante suas aulas algum vínculo com o presente, para que os estudantes tenham com a história um diálogo crítico. Se faz necessário também desconstruir a ideia de que tempo é progresso. Concordamos com Seffner (2000) ao afirmar que o conjunto de conceitos e orientações teórico-metodológicas é imprescindível no processo de ensinar e de aprender história. O conhecimento histórico escolar constitui-se de conhecimentos da disciplina, dos problemas contemporâneos e das concepções e interesses dos estudantes. Tais elementos devem ser considerados de forma equitativa.

Aprofundando nos conteúdos da história em situação escolar, procuramos saber quais temas eram interessantes para os alunos, qual eles gostavam mais. As respostas – Segunda Guerra Mundial, Egito e Revolução Francesa – expressaram conteúdos com bastante enfoque

na História. Os estudantes José e Joyce revelaram que se interessam muito nas aulas sobre negros no Brasil e África. Um dos moderadores indaga o porquê de a história dos negros ser estudada, a resposta veio de Pedro: “Porque eles lutaram, lutaram e lutaram para ser livres”. Isso significa que a lei 10.639 tem sido cumprida nessa instituição, e que os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira são inclusos e trabalhados na disciplina.

Trabalhando novamente com imagem, apresentamos uma fotografia do Congresso Nacional, tomado por manifestantes em 2013. Reconheceram o local imediatamente, e se recordaram também do motivo da manifestação. A partir da imagem, perguntamos qual a relação dela com história, e não souberam responder. Essa questão revela sinais de que é preciso potencializar a relação entre história e a vida prática dos estudantes.

De forma mais ampla, o trabalho com o grupo focal revelou que os estudantes são sujeitos de saberes, fazem uma leitura do mundo. O desafio do professor, particularmente de História, é mobilizar os estudantes a escrever e reescrever histórias a partir de suas leituras. Construir história e vozes. Ao aprender a história, de forma crítica, é possível aprender a fazer escolhas, intervir de forma diferenciada em sua autoformação. Em sala de aula, é fundamental que o professor, ao trabalhar com a leitura, mobilize os estudantes a interrogar os textos pelo que não dizem, pelos seus silêncios estruturados. Assim, é possível relacionar a história com a vida prática. No próximo tópico registramos nossas considerações finais.

Considerações finais

Acreditamos que os conteúdos históricos nas salas de aula devem ser resultados de problemas, debates, pesquisas e polêmicas. Nesta perspectiva, a finalidade do ensino de história é formar cidadãos críticos e responsáveis, capazes de compreender a complexidade e tomar parte do debate democrático. Assim, as aulas de história não podem se caracterizar como meras exposições dialogadas, mas como efetiva interação entre estudantes, professores, documentos, fontes variadas e diferentes linguagens. As proposições da didática da história podem, certamente, contribuir para a produção de conhecimentos históricos e a formação de sujeitos engajados e cientes de seu compromisso social e político.

Referências

CANAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANAU, Vera Maria (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso dia 10-09-2014.

SEFFENER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de história. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHIMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 257-288.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.